



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

SIMONE ARAÚJO SILVA

**LETRAMENTO DIGITAL E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: A
IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DIGITAL DOS EDUCADORES PARA UMA
PRÁTICA PEDAGÓGICA MAIS DINÂMICA E EFICIENTE**

**CAMPINA GRANDE
2018**

SIMONE ARAÚJO SILVA

**LETRAMENTO DIGITAL E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: A
IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DIGITAL DOS EDUCADORES PARA UMA
PRÁTICA PEDAGÓGICA MAIS DINÂMICA E EFICIENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
graduado em Letras – Língua Portuguesa.
Área de concentração: Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. José Domingos.

**CAMPINA GRANDE
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S5861 Silva, Simone Araujo.
Letramento digital e ensino de língua portuguesa [manuscrito] : a importância da formação digital dos educadores para a prática pedagógica mais dinâmica e eficiente / Simone Araujo Silva. - 2018.
46 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêsa) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.
"Orientação : Prof. Dr. José Josemir Domingos , Departamento de Letras - CH."
1. Ensino de língua portuguesa. 2. Tecnologias de informação e comunicação. 3. Letramento Digital. I. Título
21. ed. CDD 372.62

SIMONE ARAÚJO SILVA

LETRAMENTO DIGITAL E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: A IMPORTÂNCIA
DA FORMAÇÃO DIGITAL DOS EDUCADORES PARA UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA
MAIS DINÂMICA E EFICIENTE

Artigo apresentado à Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de graduado em Letras – Língua
Portuguesa.

Área de concentração: Língua Portuguesa.

Aprovada em: 28/11/2018.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Josemir Domingos (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Iara Francisca Araújo Cavalcante
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Dalva Lobão Assis
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão primordialmente a Deus, quem me conferiu a oportunidade de viver a experiência da graduação, bem como a força necessária para chegar até o final desta etapa da minha vida.

Agradeço à minha mãe Maria do Carmo, a meu pai Rosimário e a meu irmão Rodrigo, por terem sido, desde o início até o fim da jornada, os meus maiores alicerces e incentivadores.

Grata sou também a Adenilson, alguém muito especial e que em momentos de dificuldades, nos quais pensei em desistir, me deu o apoio de que eu precisava para seguir em frente.

Ademais, agradeço aos meus colegas de classe, que tornaram-se amigos, Luciana, Josicleide, Isabel, Rossana, Genilson, Hermeson, entre tantos outros, os quais enfrentaram juntamente comigo os obstáculos ao longo da caminhada.

Por fim, não poderia deixar de agradecer ao professor José Domingos, por ter me acolhido gentilmente como sua orientanda e abraçado meu trabalho, possibilitando que ele fosse realizado.

“Temos de nos tornar a mudança que
queremos ver no mundo.”

- Mahatma Gandhi

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	05
2	METODOLOGIA	08
3	DISCUSSÃO E APORTE TEÓRICO	09
3.1	Alfabetização e Letramento: um breve percurso	11
3.2	Letramento digital	14
3.3	Letramento digital e educação	18
3.3.1	O papel do educador ante às novas tecnologias	22
3.3.2	Letramento digital e formação do professor de Língua Portuguesa	26
3.4	Tecnologia e ensino de Língua Portuguesa: como conectá-los?	29
4	CONCLUSÃO	32
	REFERÊNCIAS	34
	ANEXO A – LIVRO DIDÁTICO I	37
	ANEXO B – LIVRO DIDÁTICO II	42

LETRAMENTO DIGITAL E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DIGITAL DOS EDUCADORES PARA UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA MAIS DINÂMICA E EFICIENTE

Simone Araújo Silva*

RESUMO

Considerando o atual cenário da sociedade no que concerne aos avanços tecnológicos que estão surgindo, e em especial, como isso reflete no ensino de português, este estudo tem o intuito de responder a seguinte questão: de que maneira o domínio do letramento digital pelos educadores pode contribuir para a melhoria da prática pedagógica de Língua Portuguesa? Para isso, tem como objetivo geral discutir a relevância dos docentes desenvolverem seu letramento digital forma de melhorar a qualidade do ensino. E, como objetivos específicos: compreender os conceitos de alfabetização e letramento, chegando ao letramento digital e atentando para sua relação com a educação básica; discutir sobre maneiras viáveis para os professores aprimorarem suas habilidades quanto ao letramento digital; e por fim, identificar algumas das atividades presentes em livros didáticos para a utilização dos novos recursos tecnológicos e da internet no ensino de língua portuguesa. O método de pesquisa adotado é bibliográfico, mediante o qual, a partir das diversas teorias estudadas, como Soares (2009), Kenski (2003), Coscarelli e Ribeiro (2011), Arcoverde (2007), entre outras, torna-se possível evidenciar a importância que as ferramentas digitais adquirem atualmente para a educação de maneira geral, e principalmente para a que se volta para o desenvolvimento das competências comunicativas dos alunos.

Palavras-Chave: Ensino de Língua Portuguesa. Tecnologias de Informação e Comunicação. Letramento Digital.

1 INTRODUÇÃO

É perceptível que a sociedade nos últimos anos vem transformando-se rapidamente. Tal transformação se dá em variadas esferas, dentre elas, a tecnologia e a informática. A cada dia a informatização se integra às nossas atividades, desde as mais corriqueiras e informais, até as mais formalizadas. É o que atesta Kenski (2003), pois segundo a estudiosa as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) adentram o cotidiano das pessoas, constituindo-se parte dele. Ainda de acordo com a autora, tais tecnologias, de certa forma, já seriam consideradas por seus usuários como extensão de seu espaço de vida, sendo capazes de

* Aluna de Graduação em Letras - Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email: mone.unkl1@gmail.com

interferir no modo de pensar, de agir, de sentir, bem como na maneira como nos relacionamos em sociedade e obtemos conhecimento.

Com a educação não seria diferente, porquanto, ela acaba também por ser influenciada por essa nova forma de circulação da informação. Em curtos períodos de tempo, os avanços tecnológicos vão se expandindo e atingindo um número cada vez maior de pessoas.

Inicialmente, o acesso ao universo digital era muito mais restrito e limitado, como podemos ver retratado por Kenski em 2003 (p.22):

As tecnologias da comunicação evoluem sem cessar e com muita rapidez. A todo instante novos produtos diferenciados e sofisticados – telefones celulares, fax, *softwares*, vídeos, computador multimídia, Internet, televisão interativa, realidade virtual, videogames – são criados. Esses produtos, no entanto, não são acessíveis a todas as pessoas, pelos seus altos preços e necessidades de conhecimentos específicos para sua utilização.

Contudo, podemos notar que mais recentemente o alcance a tais recursos está se tornando significativamente mais viável. Um exemplo disso está na ampla disseminação dos smartphones, bem como dos computadores e notebooks que, poderíamos supor, devido ao fato de serem ainda mais presentes na sociedade, tiveram seus custos reduzidos, permitindo assim, que uma maior parcela da sociedade pudesse adquiri-los. Através desses equipamentos, o acesso aos conteúdos tornou-se consideravelmente mais prático, sendo possível em praticamente todos os lugares e momentos.

Considerando-se tais circunstâncias, faz-se urgente a necessidade de preparação das pessoas para que utilizem esses dispositivos da maneira mais proveitosa possível, em especial no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem de escrita e leitura, uma vez que, na atualidade, tais ferramentas proporcionam uma mudança no modo como se lê e escreve, porquanto, os textos agora se fazem também em versão digital[†]. Nesse momento, entra em cena uma nova concepção: *letramento digital*. Para compreendermos de que trata este conceito, precisamos antes entender a noção de *letramento*.

Conforme ressalta Soares (2009), este é um conceito relativamente novo, surgido na segunda metade dos anos 1980, após reflexões realizadas por estudiosos, ao atentarem para como, até aquele momento, o processo de ensino do ler e escrever focalizava apenas na codificação e decodificação da língua, isto é, na alfabetização. Chegou-se, então, à noção de letramento, que, ainda segundo a autora, diz respeito ao resultado da ação de ensinar e

[†]Podemos perceber essa mudança através dos veículos de leitura que aderiram ao formato digital de seus textos. Exemplos são o jornal *A Folha de S. Paulo*, primeiro jornal em tempo real do Brasil, revista *Veja*, *Portal G1*. Além desses, destaca-se o *Portal do Professor*, criado pelo MEC com o propósito de disponibilizar para os educadores diversos materiais para auxiliá-los em sua prática educativa.

aprender as práticas sociais de leitura e escrita. Ou seja, é um estado ou condição que um grupo social ou um indivíduo adquirem como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais. A estudiosa afirma ainda que este fenômeno se constitui em variados níveis e tipos, dependendo das necessidades e demandas das pessoas e de seu ambiente social e cultural. É nesse ponto que se situa a ideia de letramento digital, que representa um dos tipos de letramento.

Conforme define Arcoverde (2007), letramento digital remete à competência que um indivíduo adquire para utilizar os recursos tecnológicos, bem como a escrita e a leitura no ambiente digital, de modo a responder às demandas sociais, atingindo, assim, uma interação eficiente.

A partir da reflexão sobre esse cenário atual, voltando o olhar mais especificamente para o corpo docente, despertou-se em nós o interesse por estudar mais detalhadamente sobre como o universo digital se configura no âmbito do ensino básico. Assim sendo, a questão que norteia esta pesquisa é: de que maneira o domínio do letramento digital pelos educadores pode contribuir para a melhoria da prática pedagógica de Língua Portuguesa?

No intuito de responder a essa indagação, temos como objetivo geral: discutir a relevância dos docentes desenvolverem seu letramento digital como forma de melhorar a qualidade do ensino. E como objetivos específicos: a) compreender os conceitos de alfabetização e letramento, chegando ao letramento digital e atentando para sua relação com a educação básica; b) discutir sobre maneiras viáveis para os professores aprimorarem suas habilidades quanto ao letramento digital; c) identificar algumas das atividades presentes em livros didáticos para a utilização dos novos recursos tecnológicos e da internet no ensino de língua portuguesa.

O estudo é feito seguindo-se dois vieses, em um primeiro momento busca-se um aprofundamento teórico nas noções de alfabetização, letramento, e, principalmente, letramento digital. Ademais, realiza-se, também, a discussão sobre como este último fenômeno se relaciona com a esfera educacional, bem como qual o papel do educador diante disso, com o propósito de reconhecer os benefícios que as tecnologias de informação e comunicação podem oferecer a esse âmbito da sociedade.

No segundo momento do texto, é realizada uma análise de dois livros didáticos voltados ao ensino médio, na intenção de reconhecer atividades presentes nessas obras que já atentam para as novas tecnologias e elementos a ela interligados, como forma de ilustração do que é debatido ao longo da primeira parte da pesquisa.

Daí a importância do trabalho, pois, mediante a exploração destas questões, podemos refletir sobre a necessidade de nos tornarmos docentes mais atualizados e mais próximos à realidade da presente geração de alunos, para que dessa forma uma prática educativa mais efetiva seja alcançada.

2 METODOLOGIA

No que concerne aos procedimentos adotados para a coleta de informação, a pesquisa proposta é de cunho bibliográfico, a qual, como nos mostra Severino (2007, p.122) define-se como:

(...) aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

Ademais, quanto ao objetivo o estudo é exploratório, que, conforme afirma ainda o autor, busca levantar informações sobre um dado objeto, para que assim possa ser delimitado um campo de trabalho e realizado um mapeamento da pesquisa.

Desse modo, teremos como base para o desenvolvimento de nosso estudo algumas obras que tratam das teorias que fundamentarão o trabalho, as quais são:

- *Letramento: um tema em três gêneros (2009)* - Obra de Magda Soares, que discorre acerca do conceito e características do letramento;
- *Alfabetização e letramento: conceitos e relações (2007)* – Livro organizado por Carmi Ferraz Santos e Márcia Mendonça. Nele discute-se a respeito das definições de letramento, como também de alfabetização, além de atentar para o letramento digital, evidenciando a relação entre esses elementos;
- *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas (2011)* - Organizado por Carla Viana Coscarelli e Ana Elisa Ribeiro, atenta para a concepção de letramento digital e sua ligação com a sociedade e com a prática didática;
- *Tecnologias e ensino presencial e a distância (2003)* - Livro de Vani Moreira Kenski, que visa discutir a respeito das novas tecnologias relacionadas ao ensino;
- *Educação e tecnologias (2007)* - Produção da mesma autora anteriormente citada, e que aprofunda os estudos precedentes;

- *Novas tecnologias e mediação pedagógica (2000)* – Produzido por José Manuel Moran, discute a introdução da tecnologia na educação.

Como forma de ilustração, e considerando que o livro didático constitui, na maioria das vezes, o eixo norteador para o educador planejar suas aulas, buscamos utilizar como *corpus* de análise dois compêndios – ambos direcionados ao ensino médio -, para averiguar como o trabalho com a tecnologia, informática e internet é realizado no que se refere às aulas de linguagem e literatura. Tais obras são: *Português: Linguagens – 1* (2013), dos escritores Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães; e *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso - 2* (2016), escrito por Willian Roberto Cereja, Carolina Assis Vianna e Christiane Damien Codenhoto.

Além dos referidos materiais, embasarão nossa pesquisa diversos outros textos produzidos sobre o assunto estudado, como os artigos de Arcoverde (2007), Araújo (2015), Bedran (2016), Silva e Araújo (2012), Rangel *et al.* (2017), e a tese de Xavier (2002).

3 DISCUSSÃO E APORTE TEÓRICO

O ensino de língua portuguesa por muito tempo se fez de modo tradicionalista, no qual não havia muito espaço para reflexões sobre novas formas de se construir o saber. Contudo, diversos fatores têm contribuído para uma mudança nesse cenário, dentre eles estão os estudos na área da psicopedagogia, por exemplo, a partir de teorias como o cognitivismo, humanismo e teorias socioculturais. Mas não são apenas esses os influenciadores de tais mudanças, outro elemento também está gerando uma reconfiguração no modo como se constitui o ensino: a *tecnologia*. Por ser esta rápida e intensamente incorporada à sociedade, não havia como o âmbito educacional não ser impactado. A respeito desse termo Kenski (2003, p.15) nos apresenta como pode ser definido:

[...] para todas as [...] atividades que realizamos, precisamos de produtos e equipamentos resultantes de estudos, planejamentos e construções específicas, na busca de melhores formas de viver. Ao conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade nós chamamos de “tecnologia”. Para construir qualquer equipamento – seja uma caneta esferográfica ou um computador –, os homens precisam pesquisar, planejar e criar tecnologias.

Como podemos notar a palavra “tecnologia”, que usualmente costumamos relacionar apenas aos meios digitais e comunicacionais, na verdade representa variados instrumentos, utilizados para as mais diversas ações do dia a dia. Ou seja, até as escolas mais tradicionais,

dispõem de alguma tecnologia (giz, quadro negro, papel, caneta, etc). O que de fato nos interessa em nosso trabalho são as chamadas *Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs)*. As TICs, conforme mesma autora, são aquelas que possibilitam o acesso e a veiculação de informação e comunicação em todo o mundo. Alguns exemplos são computadores e notebooks, televisão, smartphones, rádio, videogames, entre outros.

A pesquisadora acrescenta que as tecnologias da informação e comunicação não se restringem aos suportes onde circulam, mas também, de acordo com Reeves e Nass (*apud*. KENSKI, 2003), são tomados por seus usuários como pessoas ou lugares, participando energicamente de seu mundo natural e social. Os estudiosos ressaltam que essas mídias podem provocar respostas emocionais como riso, choro, além de exigir atenção, influenciar a memória, intimidar, e mudar o conceito do que é natural.

Kenski (2003) evidencia, dessa forma, que as TICs “criam uma nova cultura e um novo modelo de sociedade” (p.20), pois são capazes de interferir no modo de pensar, de agir, de sentir, bem como na maneira como nos relacionamos socialmente e obtemos conhecimento.

Outros teóricos também discutem sobre como as novas tecnologias vêm causando impacto em nossas vidas, dentre eles Coscarelli e Ribeiro (2011), as quais reforçam que as tecnologias de informação e comunicação estão provocando mudanças, que apesar de graduais, são muitas vezes radicais. Para as autoras, tais transformações ocorrem nos âmbitos do trabalho, da educação e no estilo de vida de modo geral. No entanto, esclarecem um ponto muito importante, e que nos interessa profundamente neste estudo: que a sociedade, especialmente o corpo docente, saiba como utilizar da melhor maneira essas tecnologias disponíveis.

Esse novo ambiente tecnológico tem importância fundamental para educação e para a formação, embora as escolas não estejam suficientemente equipadas de computadores e ligadas à internet. O pessoal docente, em especial os educadores e professores, precisa melhorar sua qualificação em termos de tecnologia. Numa economia global, cada vez mais baseada no conhecimento, a exclusão digital põe em risco o futuro do país. (COSCARELLI E RIBEIRO, 2011, p.12).

Como podemos observar, ao falar de tecnologia e sociedade, as autoras nos apresentam uma outra expressão: *exclusão digital*. A exclusão digital ou analfabetismo digital, conforme concebem, remete justamente ao não conhecimento e habilidade de algumas pessoas frente aos dispositivos tecnológicos. É evidenciado por elas que esse é um dos grandes desafios das escolas, dos educadores e da sociedade civil, e que se estes, que seriam os principais agentes para mudar esse quadro, não compreenderem o que é importante fazer, e o que é necessário não fazer, o desenvolvimento das instituições de ensino pode ser inibido,

ou estas podem acabar sendo destinadas a um envelhecimento, e, de certa forma, até a um retrocesso.

Considerando o contexto mais recente da sociedade, é perceptível que a informática, a internet, e a tecnologia como um todo, são figuras que se fazem bem mais presentes na vida da população, principalmente dos mais jovens. Todavia, a preocupação com o desconhecimento das maneiras de utilização dessa tecnologia, isto é, com a exclusão digital continua. Mas agora o problema não é mais a total ignorância em relação aos dispositivos digitais, mas sim, como eles podem ser empregados de modo mais produtivo - não servindo apenas como uma simples fonte de entretenimento -, como podem ser benéficos para a educação, por exemplo.

No que tange à esfera educacional, especialmente em seu nível básico, é notável que a contemporânea geração de estudantes em sua maioria tem ou já teve contato com essas ferramentas. Assim sendo, torna-se imprescindível a discussão acerca de como o professor pode utilizar desses instrumentos em suas aulas, para fazer com que sejam mais atrativas e adequadas à realidade do corpo discente, permitindo assim, que o processo de ensino-aprendizagem seja mais proveitoso. Para que possamos desenvolver o debate a respeito dessa temática, é necessário explorarmos alguns conceitos importantes, principalmente no que se refere ao ensino de língua portuguesa, e dentre essas concepções estão *alfabetização* e *letramento*.

3.1 Alfabetização e Letramento: um breve percurso

Ao falarmos de *alfabetização*, notamos que este vocábulo, na verdade, não nos é estranho uma vez que, com certa frequência ouvimos falar sobre ele. Alfabetização, conforme acentua Magda Soares (2009), se refere ao processo mediante o qual o indivíduo torna-se capaz de ler e escrever, aprendendo assim, as táticas usadas para isso. Por meio da alfabetização o ser pode tornar-se, então, *alfabeto*, ou seja, saberá ler e escrever. Àquele que não passou por esse processo dá-se a denominação de *analfabeto*; a pessoa a que falta o alfabeto, que não sabe ler e escrever.

Outras teóricas que também discutem acerca da alfabetização são Santos e Mendonça (2007), que nos apresentam algumas das características deste processo desde décadas atrás, até os dias mais recentes. As autoras destacam que tal fenômeno, que definem como o desenvolvimento da capacidade de codificação e decodificação, passou a integrar a sala de aula no final do século XIX, quando foram criados variados métodos para sua realização, no

intuito padronizar a aprendizagem de leitura e escrita. Um dos métodos utilizados eram as chamadas cartilhas, uma espécie de livro didático específico para a alfabetização.

As cartilhas, de acordo com Rangel *et al.* (2017), tiveram sua primeira versão, denominadas de silabário, ainda no século XVI, quando foi notada a necessidade de materiais que pudessem possibilitar o aprendizado de escrita e leitura. Os autores acrescentam que as primeiras cartilhas utilizadas no Brasil foram trazidas de Portugal, e possuíam em seu conteúdo o alfabeto, que era escrito de diversas maneiras diferentes. Ainda segundo eles, as primeiras cartilhas genuinamente brasileiras foram criadas por professores paulistas e fluminenses, sendo publicado, em 1892, “O primeiro livro de leitura”, escrito por Felisberto de Carvalho e que abordava o processo de silabação. A partir daí, outras obras com esse mesmo propósito foram produzidas, de escritores como Arnaldo Barretos, Benedita Stahl Sodré e Branca Alves de Lima.

Não obstante, Santos e Mendonça (2007) trazem em seu texto diversos relatos de como essa forma de ensino tornava-se muitas vezes traumatizante. Isso porque a aprendizagem se fazia por meio da repetição e memorização das palavras, sem que ganhassem significado para os estudantes. “A experiência ‘traumatizante’ de alfabetização na escola devia-se não só aos castigos aos quais muitos de nós fomos submetidos, mas às próprias atividades desenvolvidas, com ênfase na repetição e na memorização de letras, sílabas e palavras sem significados.” (SANTOS E MENDONÇA, 2007, p.13).

As autoras ressaltam que, em vista disso, por volta da década de 1980 esse modo de ensino-aprendizagem de leitura e escrita passou a ser largamente criticado. A partir de então, vários pesquisadores de diversas áreas (psicologia, história, sociologia, pedagogia) buscaram realizar estudos sobre esse ensino, na tentativa de redefini-lo. Através dessas discussões percebeu-se que a aprendizagem realizada com uma leitura descontextualizada e forjada, como ocorria por meio das cartilhas, poderia ser substituída pelo estudo da língua considerando seus usos e funções. Logo, partindo desses debates, a alfabetização passou a relacionar-se a um outro conceito, que vai mais além: o letramento.

Segundo destaca ainda Soares (2009), *letramento* pode ser definido como o resultado da ação de ensinar e aprender as *práticas sociais de leitura e escrita*. É um estado ou condição que um grupo social ou um indivíduo adquirem como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas ações sociais. Ou seja, ser letrado é não é só sabe ler e escrever (ser alfabetizado), mas ter domínio para fazer uso competente e frequente da leitura e da escrita nas mais variadas atividades em sociedade.

De acordo com a pesquisadora, o termo surgiu na segunda metade dos anos 1980, tendo sua primeira aparição no livro *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*, da linguista Mary Kato e publicado em 1986. Depois disso, a palavra apareceu também em outras obras como: *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*, de Leda Verdiani Tfouni (1988); *Os significados do letramento*, Ângela Kleiman (1995) e *Letramento e Alfabetização*, também de Leda Verdiani Tfouni e publicado em 1995.

No decorrer de seu estudo, a autora continua a discorrer acerca do surgimento do termo, elucidando que esta nova palavra surgiu porque nasceu a necessidade de se expressar um novo conceito. Segundo ela, palavras novas são criadas, ou palavras antigas ganham um novo sentido, quando nascem novos acontecimentos, novas ideias e novos modos de compreender os fenômenos. A estudiosa então levanta um questionamento: “Que novo fato, ou nova ideia, ou nova maneira de compreender a presença da escrita no mundo social trouxe a necessidade desta nova palavra, **letramento**?” (SOARES, 2009, p. 16, grifo do autor).

Em sequência, a estudiosa segue a discussão na intenção de nos trazer a resposta para tal pergunta. Inicia esclarecendo que (até aquele momento) a palavra “letramento” não constava no dicionário *Aurélio*, e acrescenta que em suas pesquisas encontrou a ocorrência do vocábulo apenas em um dicionário, redigido pela primeira vez em 1881, em sua terceira edição: o *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* (1948), de Caldas Aulete. Ainda assim, o significado a ele atribuído pouco tinha a ver com o que se compreende contemporaneamente, além de já aparecer, naquela época, como sendo arcaico, obsoleto:

[...] o verbete "letramento" caracteriza a palavra como "ant.", isto é, "antiga, antiquada", e lhe atribui o significado de "escrita"; o verbete remete ainda para o verbo "letrar" a que, como transitivo direto, atribui a acepção de "investigar, soletrando" e, como pronominal "letrar-se", a acepção de "adquirir letras ou conhecimentos literários" [...] (SOARES, 2009, p.16).

Na verdade, como a própria Soares (2009) ressalta, o sentido de letramento que se tem hoje está mais relacionado a uma tradução da palavra inglesa “*literacy*”, que tem sua etimologia no termo “*litera*”, de origem latina, que significa “letra”, acrescido do sufixo “*cy*”, que expressa qualidade, condição, estado. Isto é, “*literacy*”, como é definida no *Webster's Dictionary*, é “*the condition of being literate*”; expressão que tem por tradução “a condição de ser letrado”. Em relação à expressão “*literate*” (letrado), esta é classificada como o adjetivo que caracteriza a pessoa que domina leitura e a escrita. Em outras palavras, *literacy* é o estado ou condição que o indivíduo que aprende a ler e escrever - como também as práticas sociais ligadas a isso - assume; um estado de letramento.

É evidenciado por Soares (op.cit) que a leitura e a escrita, conforme tal perspectiva, trazem em si implicitamente a ideia de que podem elas acarretar consequências diversas, como sociais, cognitivas, políticas, econômicas, culturais, bem como linguísticas; seja para a categoria social em que são inseridas, seja para o sujeito que aprende a utilizá-las. Em outras palavras, a alfabetização (domínio do código linguístico da escrita e leitura) e o letramento (envolvimento nas práticas sociais da leitura e escrita) provocam consequências para o indivíduo, como também alteram seu estado ou condição no que se refere aos aspectos social, psíquico, político, cognitivo, cultural, linguístico e até mesmo econômico.

[...] do ponto de vista social, a introdução da escrita em um grupo até então ágrafo tem sobre esse grupo efeitos de natureza social, cultural, política, econômica, linguística. O "estado" ou a "condição" que o indivíduo ou o grupo social passam a ter, sob o impacto dessas mudanças, é que é designado por *literacy*. (SOARES, 2009, p.18, grifo do autor.).

Foi mediante todo esse percurso que a palavra letramento passou a se inserir no campo educativo, pois, como dito anteriormente, surgiu a necessidade de se expressar uma nova perspectiva: a de que não é importante apenas que se saiba codificar e decodificar a escrita, porém, mais que isso; é imprescindível entender como utilizá-la e compreendê-la adequadamente nas variadas atividades realizadas em sociedade.

Outro ponto importante sobre a questão do letramento, conforme acentuam Silva e Araújo (2012), é que este se configura como um fenômeno plural, ou seja, não existe apenas um tipo, mas, variados. Estes, segundo elas, surgem de acordo com o desenvolvimento social e os progressos da tecnologia. É o caso, por exemplo, do tipo de letramento que fundamenta nosso estudo, o *letramento digital*, que será abordado logo em seguida.

Além de diversos tipos, as autoras esclarecem ainda que há várias agências letradas, isto é, ambientes onde o fenômeno do letramento pode ocorrer, como a academia, a escola, os meios digitais e midiáticos, entre outros. Sendo estas definidas como tal, a partir de determinados eventos e atividades sociais.

3.2 Letramento digital

Considerando o quanto a sociedade vem evoluindo tecnologicamente e a multiplicidade de letramentos existentes, notou-se a necessidade de um tipo de letramento que se volte especialmente para o âmbito das tecnologias da informação e comunicação (TICs). A partir desse panorama, surgiu a noção de *letramento digital*. Segundo destacam Santos e Mendonça (2007), a expansão na utilização dos instrumentos tecnológicos na vida social em

geral tem exigido dos indivíduos o conhecimento de práticas e raciocínios específicos. As pesquisadoras atestam que, em vista disso, começou-se a discutir o aparecimento de uma nova modalidade de letramento, o qual passou-se a tratar por letramento digital. Este, acrescentam, resulta em práticas de leitura e escrita distintas das maneiras tradicionais de alfabetização e letramento.

Ser *letrado digital* pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital. (SANTOS E MENDONÇA, 2007, p.135).

Arcoverde (2007), sobre letramento digital, nos diz que este pode ser definido como a competência que um indivíduo adquire para operar os recursos tecnológicos, bem como a escrita e a leitura no universo digital. Acrescenta que para o usuário ser capaz de alcançar uma interação social (e digital) eficiente, é fundamental que possua domínio das ações características desse ambiente. “Ser letrado digital representa, assim, a realização de modos de leitura e de escrita em situações que envolvem textos, imagens, sons, códigos variados, num novo formato, em *hipertexto*, tendo como suporte o ambiente digital.” (ARCOVERDE, 2007, p. 19, grifo nosso). A autora nos diz ainda que atingir o letramento digital exige que se tenha acesso à rede de internet, como também atuação no chamando ciberespaço (espaço virtual). Além disso, é ressaltado que a participação deve ir além de apenas se manusear alguns sites ou utilizar algumas ferramentas de comunicação.

Como é possível observar, surge em meio ao debate um termo ainda não mencionado anteriormente e que ganha destaque: *hipertexto*. A respeito deste, Xavier (2002, p.29) afirma que “[...] é o espaço virtual inédito e exclusivo no qual tem lugar um modo digital de enunciar e construir sentido.”. É esclarecido, também, que a maneira de “enunciação digital” realizada a partir do hipertexto, acaba por gerar percepções que os “hiperleitores” nunca antes haviam vivenciado, em nenhum outro modo de enunciação semelhante.

O autor segue trazendo à tona as características dessa nova forma de enunciação que são os hipertextos. A primeira delas remete a sua imaterialidade, isto é, seu caráter não-palpável. Conforme elucidado pelo teórico, apesar de não poder ser tocado como o texto físico, o hipertexto, possibilita sua manipulação de modo mais maleável, haja vista que pode ser atualizado, transmitido, editado, cortado, e até impresso, com certa facilidade. Contudo, não deixa de evidenciar que o fato de não poder pegá-lo e senti-lo fisicamente, torna a relação texto-leitor um tanto diferenciada.

Outra especificidade apresentada sobre o hipertexto é que este se configura de modo a acomodar, ao mesmo tempo na tela, variadas maneiras de textualidade além da escrita. Dentre

elas estão imagens, vídeos, ícones e até sons. Ademais, o referido autor explica que essas informações, apesar de aparecem simultaneamente, não disputam entre si, posto que, fornecem uma possibilidade de leitura multissensorial, ou seja, todas as formas de enunciação podem ser interpretadas.

A terceira particularidade dos hipertextos apontada por Xavier (2002), diz respeito a sua não-linearidade (ou deslinearidade). Tal fenômeno está relacionado à capacidade de leitura que não se prende a linearidade de discussão/apresentação do tema, dado que, este se apresenta por meio de vários elementos (texto, imagens, sons, etc) que distribuídos estabelecem relações interdiscursivas. Todavia, o estudioso acentua que essa deslinearidade não deve ser confundida com “descontinuidade”, que estaria muito mais ligada a não continuidade material do texto, o que não é o propósito dos hipertextos. Ademais, estes têm a não-linearidade como algo fundamental, enquanto nos textos físicos ela pode ou não ocorrer. “O Hipertexto, então, convida o hiperleitor a *re-organizar* sua estrutura, originalmente, descontínua, segundo seus propósitos, e este assim o faz em seu "surfe" virtual com idas e vindas aos *hiperlinks*.” (XAVIER, 2002, p.32, grifo do autor).

A última particularidade discutida na obra citada se refere à possibilidade de infinitas intertextualidades que os hipertextos propiciam. Reconhece o autor que a interdiscursividade não é um evento exclusivo dos hipertextos, uma vez que, ocorre em qualquer texto, pois, todos os dizeres recebem influências de outros anteriores. Isto é, nenhum texto surge do nada. Não obstante, o que o se deseja frisar é que através da internet (suporte digital e espaço virtual para os hipertextos), esse fenômeno da linguagem se tornou ainda mais evidente.

O Hipertexto acentua a função e as vantagens da intertextualidade. Os *hiperlinks* conduzem, instantaneamente, os leitores a textos, obras e discursos "originais", se indexados à rede, permitindo, dessa forma, o acesso e a verificação das idéias de terceiros pelo próprio hiperleitor que pode fazê-lo imediatamente. (XAVIER, 2002, p. 32, grifo do autor).

O pesquisador afirma ainda que os hipertextos permitem essas infinitas intertextualidades, em decorrência das possibilidades oferecidas de correlação das ideias, o que se faz a partir dos *hiperlinks*. No que tange a estes, bastante mencionados por ele, se referem a pontos no texto (hipertexto) nos quais é possível acessar em tempo real, através da conexão com a internet, outras informações relacionadas ao discurso em questão, e que o complementam. O autor então nos traz a oposição da situação de leitura propiciada pelos hiperlinks, à qual as intertextualidades só pudessem ser compreendidas mediante uma bagagem cultural, isto é, uma erudição, que nem todos possuem. Ou seja, numa leitura de um

texto tradicional impresso, poucos seriam capazes de compreender todas as interdiscursividades presentes.

De modo sintético, conforme acentua Xavier (2002), o hipertexto é uma tecnologia intelectual na qual as informações podem ser organizadas em uma base dados, que permite a realização de uma leitura não-linear. Objetiva-se, desse modo, que a compreensão possa ser feita de maneira completa e singular. Sobre este, acrescentam ainda Coscarelli e Ribeiro (2011, p.180): “Quanto a sua organização o hipertexto não tem um centro, ou seja, não tem vetor que o determine. Ele não é uma unidade com contornos [...]. Ele é um feixe de possibilidades, uma espécie de leque de ligações possíveis, mas não aleatórias.”.

Retomando a discussão iniciada com Arcoverde (2007) sobre letramento digital, notamos a relação que há entre tal conceito e os hipertextos, uma vez que, possuir um bom nível de letramento digital está diretamente ligado ao domínio da utilização e compreensão dessa nova modalidade de leitura e escrita, bem como das ferramentas nas quais essa interação acontece (computadores, internet, smartphones, tablets, etc). A autora salienta que as interações realizadas mediante o uso social da linguagem escrita no ambiente digital, a partir desses meios de comunicação, é uma das maneiras de conduzir o indivíduo a uma prática efetiva de letramento.

Não obstante, ao tratar acerca do letramento digital a estudiosa traz à tona uma expressão já abordada por nós anteriormente: a exclusão digital – ou divisão digital, como é acentuado. Ela não deixa de ressaltar que a internet (rede), apesar de funcionar como modo de desenvolvimento, algumas vezes pode atuar como ampliadora dos contrastes e da exclusão sociais. Reforça, também, que esta é uma situação ainda ocorrente em muitas áreas da sociedade, isto devido à falta de oportunidade que muitos ainda enfrentam de conhecer ou aprimorar os conhecimentos tecnológicos e o acesso à rede de internet. “Letramento digital requer acesso à rede e plena participação/intervenção no ciberespaço, que vai além da simples manipulação de alguns sites ou da utilização de alguns recursos de comunicação.” (ARCOVERDE, 2007, p19).

A autora continua sua discussão elucidando que a disseminação do acesso à internet seria umas das formas de se conseguir a diminuição dessas desigualdades e restrições presentes na sociedade. Para isso, ações teriam que ser efetuadas para tornar essa realidade digital mais próxima das pessoas, mediante a realização de “[...] práticas significativas das múltiplas linguagens que a Rede oferece [...]” (p.20). Arcoverde (2007) menciona uma das iniciativas realizada no Brasil para atingir tais objetivos: o Programa Sociedade da Informação, elaborado pelo Ministério de Tecnologia. O referido projeto, por meio de um

conjunto de atividades de capacitação de pessoal e garantia de serviços de comunicação avançada, visava universalizar o acesso e o ingresso de toda população brasileira à chamada “Sociedade da Informação”.

Em oposição à exclusão está a inclusão digital, a qual é debatida por Coscarelli e Ribeiro (2011, p.07), que nos trazem a seguinte definição:

[...] inclusão digital é o processo em que uma pessoa ou um grupo de pessoas passa a participar dos métodos de processamento, transferência e armazenamento de informações que já são do uso e do costume de outro grupo, passando a ter os mesmos direitos e os mesmos deveres dos já participantes daquele grupo onde está se inserindo.

As autoras nos dizem ainda que é necessário que todos tenhamos o domínio das TICs de maneira aprofundada, para que, desse modo, possamos absorver não apenas informação, mas também conhecimento.

No que tange ao campo educacional, principalmente no âmbito do ensino básico, as teóricas reconhecem que as figuras constituintes desse grupo social – instituições de ensino, educandos e professores - estão ainda vivenciando um quadro de exclusão digital. Segundo elas, essa é uma realidade que não afeta apenas o Brasil, mas, na verdade, ocorre em vários países, apesar de ser mais comum nos de terceiro mundo, posto que, são esses os que enfrentam um maior grau de disparidades sociais e econômicas, em comparação aos países de primeiro mundo.

Embora tais dificuldades ainda se façam presentes, é perceptível que essa condição é algo que caminha cada vez mais para sua transformação. Na verdade, ao longo dos últimos anos muita coisa vem mudando, inclusive o acesso aos dispositivos tecnológicos, que está se tornando bem mais viável. Partindo desse contexto, surge, então, a necessidade de se buscar a preparação daqueles que podem tornar o contato com as tecnologias digitais muito mais significativo - seja para a educação, seja para a sociedade como um todo –, os professores. Acreditamos que, a partir da reflexão e desenvolvimento do letramento digital do corpo docente, as novas tecnologias acabarão por exercer, na sala de aula, papéis muito importantes para o processo educacional.

3.3 Letramento digital e educação

Mediante as reflexões realizadas até aqui, foi possível observar o quanto o desenvolvimento tecnológico e a internet têm contribuído para a transformação e remodelação da sociedade. Conforme destacado pelas referências abordadas, as tecnologias da informação

e comunicação estão de fato se introduzindo nos vários ambientes sociais de maneira muito intensa. Sendo a escola uma dessas esferas, é inevitável sua inserção nesse novo cenário. Ademais, entendemos que alguns conceitos são importantes para compreendermos como as tecnologias digitais interagem com o ensino, principalmente de português em seu grau básico. Para isso, foram discutidas até o momento as noções de Tecnologia, Tecnologias da Informação e Comunicação, Alfabetização, Letramento, Letramento Digital, Hipertexto, Exclusão digital, entre outras.

Destarte, considerando-se todos os pontos debatidos até então, precisamos refletir sobre como as TICs podem relacionar-se efetivamente à educação. Buscamos, à vista disso, defender a ideia de que isso pode ser feito a partir do conhecimento e domínio do letramento digital por parte dos educadores. De modo mais restrito, evidencia-se que essas ferramentas podem ser muito benéficas ao ensino de leitura e escrita, no entanto, quando utilizadas produtiva e didaticamente pelos professores em sala de aula.

Coscarelli e Ribeiro (2011), no que tange à relação tecnologia-ensino, acentuam a importância dos recursos tecnológicos para a educação e para a sociedade. Segundo destacam, a tecnologia pode atuar como instrumento para o desenvolvimento, seja este sociocultural, ou do processo educativo em si. Referente ao primeiro, a tecnologia apresenta novas maneiras de leitura, organização e inclusão dos indivíduos na sociedade. No que concerne especialmente ao segundo, a partir dos modernos modos de leitura, pode-se alcançar um significativo desenvolvimento da alfabetização e do letramento do corpo estudantil.

A serviço da educação, as novas tecnologias devem servir como mediação pedagógica a partir de um projeto educativo, num diálogo efetivo como a realidade. É preciso, pois, promover canais de comunicação, potencializando a capacidade de leitura e escrita do aluno, socializando sua produção, avaliando os usos. (COSCARELLI E RIBEIRO, 2011, p.99).

Outro ponto discutido na obra mencionada remete à concepção de ensino-aprendizagem que o educador busca adotar, porquanto, tais elementos podem ser utilizados como ferramentas para variadas maneiras de educar. De acordo com as teóricas, esta é uma questão de grande importância, uma vez que, influencia diretamente no modo como o professor insere os dispositivos digitais em sua prática pedagógica.

Segundo as autoras, apenas o fato de se estar utilizando um computador na aula não significaria que, neste mesmo instante, já estaria ocorrendo a modernização do ensino. Para compreendermos essa afirmação imaginemos a situação em que o educador utilize um conjunto de slides para expor conteúdos que devem ser memorizados pelos alunos, nesse caso, ele continuaria usando uma metodologia tradicionalista e obsoleta, e nada de fato

mudaria. O computador, nesse caso, funcionaria apenas como um novo tipo de quadro, no qual o professor poderia depositar todo o seu saber, para que este possa ser transferido para os educandos, que atuariam como meros espectadores.

O que se deseja mostrar é que apenas empregar os recursos tecnológicos na sala de aula, não garante que a concepção de aprendizagem adotada pela escola seja modernizada, bem como sua eficácia. Isso porque, esses dispositivos podem ser usados para lidar com várias situações, e de várias formas, de modo que as ações realizadas a partir deles podem ser significativas ou não. “Cada momento da situação de aprendizagem requer uma estratégia diferente, e o computador pode ser útil em várias dessas ocasiões, bastando para isso que o professor planeje atividades, mais dirigidas ou menos, conforme o momento.” (COSCARELLI E RIBEIRO, 2011, p.19).

Conforme seguem discutindo, é interessante que nas aulas em que haja a inserção da tecnologia, as atividades a serem realizadas sejam elaboradas pensando-se nas estratégias adequadas, de acordo com cada situação de aprendizagem. Tais atividades funcionariam como uma forma de possibilitar ao alunado uma maior inclusão social, que se faria mediante a inclusão digital.

Para compreendermos como esse processo ocorre, Coscarelli e Ribeiro (2011) nos fazem pensar sobre uma dada circunstância (muito comum, inclusive) em que alunos nunca antes houvessem tido a possibilidade de visitar um museu, um teatro, uma galeria, um zoológico; ou ter lido determinados livros, visto determinados filmes, etc. Seria por intermédio da internet que o docente poderia apresentar o mundo a esses jovens; onde eles poderiam, de alguma forma, ter contato com esses elementos culturais. O computador, então, atuaria como um meio de se estabelecer comunicação e adquirir informação e conhecimento.

Nessa rede, o que era impossível passa a ser alcançável. O que não era realidade dos alunos (e que muita gente acredita que não deva ser) passa a poder fazer parte do dia a dia deles.

Com a internet os alunos podem ter acesso a muitos jornais, revistas, museus, galerias, parques, zoológicos, podem conhecer muitas cidades do mundo inteiro, podem entrar em contato com autores, visitar fábricas, ouvir músicas, ter acesso a livros, pesquisas, e mais um monte de outras coisas que não vou listar, por serem infinitas as possibilidades. (COSCARELLI E RIBEIRO, 2011, p.20).

Evidencia-se, desse modo, a importância do computador (e outros instrumentos) para a prática educativa, uma vez que, como ressaltado pelas mencionadas autoras, pode este atuar como meio de comunicação e de obtenção de informação, auxiliando, assim, os estudantes a refletirem, a encontrarem respostas para seus questionamentos e a desenvolverem projetos.

Debatendo sobre tais questões temos Kenski (2007), a qual elucida que as tecnologias de informação e comunicação (TICs), quando bem utilizadas, propiciam uma modificação nos comportamentos dos professores e dos alunos. Através das imagens, sons e movimentos são oferecidas informações, acerca do conteúdo estudado, que se apresentam de maneira mais realista. Logo, torna-se possível um conhecimento mais efetivo e aprofundado desse conteúdo.

Ademais, a autora reforça que para as TICs serem empregadas de maneira produtiva no processo de ensino, é importante que sejam respeitadas as particularidades desse processo, bem como das tecnologias em si, para que dessa forma, seja possível garantir que utilizá-las de fato fará a diferença. Ou seja, é necessário que o conhecimento sobre esses recursos não seja apenas técnico, mas também adequado pedagogicamente. Segundo a autora, o que define a qualidade dessa educação subsidiada pelos meios tecnológicos são fatores como: o educador, que deve buscar auxiliar o aluno – que, por sua vez, deve ser desejoso de aprender - em sua procura pelos caminhos de aprendizagem; os conhecimentos, que são a essência desse processo; e as próprias tecnologias, que atuariam como as responsáveis pela articulação de todos esses elementos.

Acrescenta ainda Kenski (2007) que as tecnologias digitais e principalmente a internet permitem uma ampliação dos espaços onde se constrói o ensino, uma vez que este passa, então, a se fazer não apenas na sala de aula, mas em qualquer lugar, haja vista que o conhecimento pode ser construído, quando disponibilizados os recursos necessários, a partir de ferramentas como as citadas por ela, telepresença, simulações, inteligência artificial, realidade virtual (e muitas outras possibilidades que surgem velozmente).

[...] as redes de comunicação trazem novas e diferenciadas possibilidades para que as pessoas possam se relacionar com os conhecimentos e aprender. Já não se trata apenas de um novo recurso a ser incorporado à sala de aula, mas de uma verdadeira transformação, que transcende até mesmo os espaços físicos em que ocorre a educação. A dinâmica e a infinita capacidade de estruturação das redes colocam todos os participantes de um momento educacional em conexão, aprendendo juntos, discutindo em igualdade de condições, e isso ainda é revolucionário. (KENSKI, 2007, p. 47).

Partindo dessa perspectiva, ao focalizarmos no ensino de língua portuguesa em seu nível básico, reconhecemos a significância das TICs e principalmente do letramento digital. Considerando que, como foi evidenciado, o ensino de leitura e escrita se faz mais eficaz quando relacionado às práticas sociais, ou seja, quando realizado através do trabalho com o letramento, podemos observar o quanto essas novas tecnologias podem contribuir para a aprendizagem. Mediante tais ferramentas o alunado pode ter ao seu alcance conteúdos que dificilmente teria acesso por outros meios.

Para exemplificar essa afirmação, podemos citar a seguinte situação: em uma dada circunstância o professor deseja abordar um clássico do escritor Machado de Assis; *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, tendo a finalidade de, a partir da leitura completa, realizar com a classe debates sobre ele, e assim explicar as características do autor e do período literário correspondente. Contudo, um obstáculo poderia surgir: nem o professor, nem a biblioteca da escola, nem a do município (se houver), e muito menos os alunos possuiriam a obra. Assim sendo, como poderia o educador realizar um trabalho eficaz tendo essa lacuna a sua frente? Deveria, como tradicionalmente se costuma fazer, apenas expor as características da escola literária, os autores e as obras que a compõe, sem se aprofundar com a turma nas produções e elementos marcantes?

Acredito que poderíamos dizer com convicção, tendo em vista tantas teorias que discorrem sobre isso, que esse não seria o melhor caminho. A solução para esse problema poderia estar justamente na tecnologia. Uma possibilidade seria o professor conseguir, através da internet, a versão digital do livro, que poderia ser apresentada e debatida pouco a pouco durante as aulas em um dispositivo de transmissão de imagens digitais (datashow), ou ainda, os alunos fariam download da obra, isto é, salvariam, em seus próprios smartphones (que provavelmente a maioria possuiria). Desse modo, o livro poderia ser lido em casa e/ou na classe. Logo, tendo todos a oportunidade de acessar e ler o livro na íntegra, as discussões acerca dele e de suas características seriam bem produtivas.

Por conseguinte, partindo desse ponto de vista, nossa discussão busca discorrer a respeito dessas questões dando ênfase ao papel do corpo docente diante de todas as circunstâncias apresentadas.

3.3.1 O papel do educador ante às novas tecnologias

Conforme acentuam Coscarelli e Ribeiro (2011), todas as interações sociais que estão se tornando possíveis mediante as novas tecnologias e, de certo modo, a dependência delas que emerge e se propaga rapidamente, acabam por criar desafios para os educadores do nível básico, e essencialmente os de língua portuguesa, no que tange ao conteúdo a ser ensinado e à maneira como o fazer.

Atentando para as atividades a serem realizadas no ensino de português, ainda de acordo com as autoras, estas devem ter como principal propósito viabilizar que o aluno desenvolva conhecimentos linguísticos, textuais e discursivos, tornando-se, assim, capaz de atuar de forma eficiente nas mais variadas práticas de linguagem nas quais esteja inserido. Em

vista disso, é interessante que o professor, ao escolher o material a ser trabalhado durante as aulas, volte sua atenção para os gêneros textuais, incluindo nesse trabalho, os gêneros que surgiram a partir da tecnologia e/ou que precisam dela para serem abordados. Além disso, é elucidado que não só é necessário que se contemplem esses gêneros, mas também, que sejam revistos os princípios e as crenças que norteiam o docente em sua prática educativa.

[...] a formação do professor da Educação Básica deve, necessariamente, contemplar espaços para a construção de saberes que lhe permitam operar, em sua prática docente, com a diversidade e a dinamicidade das práticas discursivas e de gêneros que nela se configuram. (COSCARELLI E RIBEIRO, 2011, p. 201).

Discutindo sobre ensino, tecnologia, e o papel do professor diante desses elementos, temos também Moran (2000), que reafirma que as novas tecnologias de informação propiciam a ampliação da concepção de aula, de espaço e de tempo, porquanto, novas ligações podem ser estabelecidas entre o que é físico e o que é virtual. Todavia, o teórico não deixa de destacar que alguns pontos precisam de um olhar especial dos agentes envolvidos no processo de educação modernizada, para que desse modo, o ensino com embasamento tecnológico não se torne algo que não traga resultados realmente significativos, tanto para o processo educacional em si, quanto para os cidadãos como um todo, aí incluídos jovens, crianças, adultos, profissionais e idosos.

O autor segue esclarecendo os aspectos que merecem atenção na busca de se estabelecer a conexão da tecnologia com a educação. O maior deles é o desejo de atingir a qualidade dessa educação, que se alcançaria por meio da consideração pela ideia de aprendizagem colaborativa, da reflexão sobre o papel do educador, bem como sua atualização, mediante uma formação contínua, para que assim, possam se encontrar meios para que o aprendizado do estudante não funcione apenas como uma transmissão de informações. Como é frisado por ele, é importante que haja a compreensão, por parte do quadro docente, de que sua mediação nesse processo, vai além do conhecimento técnico dos instrumentos tecnológicos, pois, mais que isso, é necessário que tenham o domínio pedagógico dessas ferramentas, que saibam como empregá-las adequada e produtivamente nos métodos de ensino aplicados a sua prática didática.

Ressalta-se, na mesma obra, que há ainda muitas dificuldades a serem superadas no ensino, como a superlotação das turmas - tornando difícil o controle pelo professor-, bem como a falta de preparação e de motivação destes educadores, muitas vezes devido à baixa remuneração e valorização. Outro ponto remete à falta de interesse em aprender dos próprios alunos, que em muitas situações desejam apenas a obtenção do diploma e não do

conhecimento de fato, em decorrência disso, acabam estes fazendo apenas o básico para que consigam a aprovação. Além disso, existe a questão da infraestrutura das escolas, que em vários casos é inadequada, com salas barulhentas e pouco material disponíveis. Não obstante, Moran (2000) nos diz que é importante que a busca pela qualidade no ensino seja constante, porém, todos têm que estar conscientes de que esse é um processo longo e de custo relativamente alto.

As mudanças na educação dependem, em primeiro lugar, de termos educadores maduros intelectual e emocionalmente, pessoas curiosas entusiasmadas, abertas, que saibam motivar e dialogar. Pessoas com as quais valha a pena entrar em contato, porque desse contato saímos enriquecidos. (MORAN, 2000, p.16).

O autor segue acentuando as características desse professor ativo na busca pelo ensino eficaz. Segundo ele, este deve se manter humilde e confiante, isto é, expressar o conhecimento que sabe, mas, ao mesmo tempo, estar aberto ao novo, a aprender o que ainda não conhece. Não apenas isso, esse educador deve também lecionar valorizando sempre as diferenças e buscando tornar as aulas atrativas e dinâmicas, não agindo de maneira previsível e tradicionalista.

Os grandes educadores atraem não só pelas suas idéias, mas pelo contato pessoal. Dentro ou fora da aula chamam a atenção. Há sempre algo surpreendente, diferente no que dizem, nas relações que estabelecem, na sua forma de olhar, na forma de comunicar-se, de agir. São um poço inesgotável de descobertas. (MORAN, 2000, p.17).

Manoel Moran (2000) atesta ainda que é relevante que todos os envolvidos no ensino, aí incluídos, além dos professores, os administradores, os diretores, os coordenadores, os alunos, suas famílias, e o próprio Governo, atuem juntos, compreendendo todos os fatores que constituem esse processo e estando abertos à atualizações. O pesquisador afirma que é interessante que a gestão da escola contribua com os professores inovadores, para que possa haver um ambiente de maior comunicação e inovação. Além disso, o corpo discente, bem como sua família, também têm suma relevância nesse quadro, uma vez que, contribuem quando são motivados, curiosos, e receptíveis à mudanças, facilitando, destarte, o trabalho do professor e colaborando para uma maior qualidade no aprendizado.

Alunos motivados aprendem e ensinam, avançam mais, ajudam o professor a ajudá-los melhor. Alunos que provêm de famílias abertas, que apóiam as mudanças, que estimulam afetivamente os filhos, que desenvolvem ambientes culturalmente ricos, aprendem mais rapidamente, crescem mais confiantes e se tomam pessoas mais produtivas. (MORAN, 2000, p.17.).

No que tange ao conhecimento - particularmente o linguístico - e ao processamento de informações, o teórico afirma que deve-se considerar que estes podem ser possibilitados de vários modos, que agem de maneira interdependente, interligada e intersensorial. Ou seja, se

realizam por meio da relação entre as múltiplas formas de absorção de informação existentes na sociedade. O autor acrescenta que o tipo de processamento mais comum é o lógico-sequencial, expresso na linguagem falada e escrita e no qual os significados vão sendo construídos gradativamente, seguindo uma sequência espacial e temporal dentro de um código, que é a própria língua. Desse modo, conforme essa perspectiva, adquirir competência linguística é ter domínio da lógica e da sintaxe da linguagem. No que se refere especialmente aos tipos de processamento constituintes do âmbito da tecnologia, nos são apresentados dois tipos, o *hipertextual* e o *multimídico*.

Acerca do processamento hipertextual, é exposto que se trata do conhecimento que se constrói mediante as interligações das informações exibidas de forma não sequencial, criando novas significações, de maneira lógica e coerente; como o próprio nome já sugere, é aquele adquirido a partir dos hipertextos. “A leitura hipertextual é feita como em "ondas", em que uma leva à outra, acrescentando novas significações. A construção é lógica, coerente, sem seguir uma única trilha previsível, sequencial, mas que vai se ramificando em diversas trilhas possíveis.” (MORAN, 2000, p.19).

Em relação ao segundo tipo, processamento multimídico, este é caracterizado como a leitura na qual as informações, isto é, os textos, são dispostos de maneira fragmentada, com várias linguagens sobrepostas ao mesmo tempo, e que compõem um conjunto de elementos dispostos na tela e que se conectam às outras telas multimídias. Nesse tipo de processamento, a leitura é *flash*, ou seja, ainda menos sequencial e muito mais veloz, como também as conexões possíveis são vastas, e os sentidos criados são provisórios, gerando assim, uma interpretação rápida que se completa à medida que vai se atingindo novas telas, conforme os subjetivismos do leitor - modos de perceber, de relacionar-se e sentir. Em visto disso, como evidenciado, o conhecimento construído a partir desse processamento ocorre mais livremente, por meio de relações que perpassam os aspectos sensoriais e racionais, mas sem deixar de lado o emocional.

Moran (2000) segue a discussão acentuando que, atualmente, temos convivido com todas essas formas de processamento, sendo fatores determinantes para utilização de um ou outro tipo questões como idade, bagagem cultural e propósitos desejados.

Se estivermos concentrados em objetivos específicos muito determinados, predominará provavelmente o processamento sequencial. Se trabalharmos com pesquisa, projetos de médio prazo, interessar-nos-á o processamento hipertextual, com muitas conexões, divergências e convergências. Se temos de dar respostas imediatas e situar-nos rapidamente, precisaremos do processamento multimídico. (MORAN, 2000, p. 19).

No entanto é notável, como o próprio autor atesta, que a sociedade tem preferido a maneira multimídica de adquirir conhecimento. Isso devido a necessidade de se obter respostas rápidas, que tem se fortalecido com a ampliação e desenvolvimento da sociedade da informação, na qual os indivíduos, em especial os jovens, não conseguem mais lidar com a demora. Todavia, é esclarecido que não é adequado prender-se totalmente a esse tipo de processamento, posto que, essa atitude pode acabar inibindo a reflexão e o aprofundamento nos resultados adquiridos, pois o conteúdo seria transmitido de modo “mastigado”, levando-se à conclusões previsíveis. Nesse caso, as informações obtidas não se transformariam em conhecimento realmente proveitoso.

Levando em conta todas essas questões, torna-se imprescindível o papel do professor como propulsor da união de todos esses tipos de formação de conhecimento, uma vez que, através de sua prática pedagógica, pode ele, de certa forma, impedir ou ao menos reduzir as chances, de que os alunos sigam pelo caminho da superficialidade no aprendizado. Moran (2000) consegue nos mostrar a importância de que esse educador busque produzir atividades que agrupem todos esses processamentos. Isso pode ser alcançado iniciando o trabalho pelo multimídico, passando pelo hipertextual e chegando até o lógico-sequencial.

É justamente esse o cerne de nosso debate, uma vez que, acreditamos que as tecnologias podem ser muito úteis para o ensino, contudo, não desconsideramos a importância de os docentes terem consciência de que é necessário que eles possuam certas habilidades para poderem tornar isso um fato.

3.3.2 Letramento digital e formação do professor de Língua Portuguesa

Assim sendo, faz-se necessário, nesse momento, discutirmos algumas alternativas para os educadores desenvolverem, de fato, seu letramento digital. Ou seja, é importante elucidarmos quais os meios de que o professor poderia dispor, para então, tornar-se hábil a utilizar as TICs pedagogicamente.

A primeira delas, refere-se à possibilidade do trabalho com a tecnologia ser algo que venha a ser desenvolvido desde a formação inicial desses educadores, ou seja, desde a graduação, não só como objeto de estudo, mas também como ferramenta. Conforme aponta Bedran (2016), os instrumentos disponibilizados pela tecnologia e pela internet, como aplicativos, programas, sites, entre outros, permitem que novos espaços e novas práticas pedagógicas sejam construídos, de modo a redefinir a relação entre os professores-

formadores, professores em formação, conteúdos e atividades, e a partir delas, uma prática didática mais colaborativa seria alcançada.

Acrescenta a autora, que tais recursos propiciam uma reconfiguração dos papéis desses educadores. Isso porque, os professores-formadores, passam a assumir uma função coadjuvante, enquanto o foco passa a ser o processo de aprendizagem, os aprendizes, e sua relação com o conteúdo. Desse modo, os primeiros tornam-se mediadores do processo educativo, ao passo que os educadores-aprendizes, adquirem um caráter ativo e autônomo.

Conforme mesma obra, é importante que essa mediação do professor-formador seja capaz de despertar no licenciando um caráter crítico e reflexivo no que se refere aos recursos tecnológicos a serem empregados na educação básica. Ou seja, como destacado, é necessário que seja trabalhado, não só o conhecimento técnico, mas também atividades que impliquem em uma formação reflexiva, questionadora e produtiva, para que, destarte, o docente em formação desenvolva e contemple as novas formas de letramento, aí inserido o letramento digital, possibilitando uma melhor eficácia e sistematização no ensino de língua.

Não obstante, ao pensarmos nos educadores que atuam em sala de aula há muito tempo, ou até nos que, mesmo formados recentemente, em sua formação inicial não tiveram a oportunidade de refletir sobre tais aspectos, a solução, então, se encontraria em outros meios. Dentre eles estariam os cursos de formação continuada. Acreditamos ser importante haver uma mobilização da escola, em parceria com o Governo, para proporcionar aos professores situações nas quais eles possam ter a oportunidade de aprimorar e atualizar seus conhecimentos pedagógicos. Ou seja, seria interessante que esses órgãos buscassem desenvolver projetos, além de fornecer os subsídios necessários, nos quais o trabalho com a tecnologia em sala de aula seja discutido e incentivado, bem como que seja abordada a noção de letramento digital, e oferecidas orientações sobre metodologias de ensino que tenham como base as TICs e a internet, possibilitando, assim, uma preparação desses docentes para lidar com essa nova forma de lecionar.

Na verdade, projetos nessa perspectiva já existem como o *Proinfo Integrado*, desenvolvido pelo Ministério da Educação (MEC). Tal programa é constituído por vários cursos, tendo como propósito contribuir para uma formação pedagógica que englobe o uso didático das Tecnologias da Informação e Comunicação nas atividades da escola, além de disponibilizar os equipamentos tecnológicos para as instituições e recursos multimídicos (site e canal de TV, por exemplo). Alguns dos cursos ofertados são “Introdução à Educação Digital”, “Tecnologias na Educação” e “Redes de aprendizagem”. Para ter acesso a eles,

educadores e gestores de escolas públicas devem procurar sua respectiva secretaria de educação, seja estadual ou municipal.

Como podemos perceber, nessas duas primeiras alternativas, o educador precisa do auxílio de outros para conseguir atingir o objetivo proposto. Contudo, há ainda uma opção por meio da qual ele, de maneira totalmente autônoma, pode aprimorar-se. Trata-se dos cursos online a distância, os quais se tornaram viáveis exatamente por conta dos avanços tecnológicos e da internet. O ensino a distância (EaD), no qual consiste esse tipo de curso, é aquele que se realiza no chamado Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), acerca do qual Kenski (2003, p.46) tece as seguintes considerações:

Local em que se partilham fluxos e mensagens para a difusão dos saberes, o ambiente virtual de aprendizagem se constrói com base no estímulo à realização de atividades colaborativas, em que o aluno não se sinte só, isolado, dialogando apenas com a máquina ou com um instrutor, também virtual. Ao contrário, construindo novas formas de comunicação, o espaço da escola virtual se apresenta pela estruturação de comunidades on-line em que alunos e professores dialogam permanentemente, mediados pelos conhecimentos.

Conforme nos diz a autora, mediante tais recursos as ações de ensinar e de aprender adquirem novas possibilidades, haja vista que, para se buscar o conhecimento não é mais necessário restringir-se apenas às instituições físicas e ao seus tempos e limitações. Ao contrário, através da internet, as pessoas podem ter acesso ao conhecimento em tempo real, e em praticamente todos os lugares, e assim, ampliar seu desenvolvimento intelectual.

Assim sendo, cursos a distância tornaram-se uma ótima opção para os docentes poderem se atualizar e aperfeiçoarem sua atividade educacional. São variadas as opções, desde cursos que realizam o serviço de maneira paga, até os que se apresentam de modo totalmente gratuito e acessível. Para exemplificar este último caso, temos o curso oferecido pela Fundação Bradesco denominado “Ensinando com a web”. Este é dividido em quatro módulos, e tem como finalidade auxiliar o educador para que ele saiba como utilizar a internet proveitosamente em suas aulas, e apresenta os recursos que têm potencial educativo, como aplicativos e jogos.

Em suma, percebemos que o acesso às novas tecnologias, como também ao conhecimento dos modos para manejá-las didaticamente, não é mais algo distante da realidade dos professores e das escolas, dado que, cada vez mais tem-se observado os avanços alcançados e as possibilidades que estão surgindo. Enquanto educadores e futuros educadores, temos hoje vários incentivos para atingirmos o objetivo de desenvolver uma prática pedagógica de mais efetividade e dinamicidade. Por essa razão, que deve partir de nós o

desejo de estar sempre em aperfeiçoamento, para que, a cada avanço da sociedade, a educação possa também progredir e se modernizar.

3.4 Tecnologia e ensino de Língua Portuguesa: como conectá-los?

Amparando-nos nas discussões realizadas, buscamos, nesse momento, refletir acerca de algumas atividades que podem ser desenvolvidas por meio das tecnologias digitais e da internet no ensino básico de língua portuguesa. Para isso, analisamos dois livros didáticos destinados, respectivamente, ao primeiro e segundo anos do Ensino Médio, observando alguns trechos nos quais o trabalho com os recursos tecnológicos é proposto, bem como o modo como este se faz. O primeiro compêndio observado é *Português: Linguagens – I* (2013), dos escritores Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães; e o segundo é *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso* (2016), de Willian Roberto Cereja, Carolina Assis Vianna e Christiane Damien Codenhoto. Para realizar a exploração, delimitamos nossa reflexão nas duas áreas de estudo da disciplina: linguagem e literatura. Ou seja, pretendemos evidenciar de que maneira essas obras utilizam a tecnologia e a internet no trabalho com esses dois objetos de aprendizagem.

No que se refere às aulas de linguagem, conforme nos esclarecem Coscarelli e Ribeiro (2011), estas devem ter como finalidade propiciar ao aluno o desenvolvimento de conhecimentos linguísticos, textuais e discursivos para que, desse modo, seja ele capaz de participar, de maneira eficiente, das práticas languageiras ao seu redor. Sendo assim, afirmam as autoras que, para isso, deve-se atentar para o trabalho com os gêneros textuais, dentre eles, os que surgiram a partir da tecnologia e/ou que precisam dela para serem abordados. Segundo elas, utilizar como objeto de estudo os gêneros surgidos através da tecnologia, os chamados *gêneros digitais*, pode representar um grande avanço no desenvolvimento da competência comunicativa do alunado da educação básica, além de atuar como forma de possibilitar à maioria desses estudantes uma maior inclusão social.

Partindo dessa compreensão, as teóricas nos sugerem a abordagem do *e-mail* como uma das opções dentre os gêneros digitais. Conforme evidenciam, o e-mail é um gênero que pode ter muitas funcionalidades, desde comunicações mais intimistas e informais, até as mais formalizadas possíveis. Acrescentam ainda que, ao ter contato com essa prática escrita, os alunos teriam a possibilidade de dispor de vários recursos de textualização, além de poderem refletir acerca dos diversos fatores que contribuem para a construção desse gênero.

Sob essa perspectiva, a escrita de e-mails se configura como um valioso instrumento, na medida em que, por meio da condução do professor de Língua Portuguesa, pode permitir ao aluno experiências com as diferentes funções sociocomunicativas a que o e-mail se presta, dependendo da natureza da interação, dos objetivos assumidos para sua produção e dos papéis sociais envolvidos [...]. (COSCARELLI E RIBEIRO, 2011, p.224).

Ao direcionarmos nossa atenção para os livros didáticos, percebemos que a primeira obra analisada “Português: Linguagens e tecnologias -1”, busca desenvolver o trabalho com os gêneros digitais, relacionando-os à noção de hipertexto, voltando-se, mais especificamente para, além do e-mail, o blog e o comentário. O livro inicia a abordagem do assunto percorrendo sobre como o surgimento da internet possibilitou a alteração na noção de texto, haja vista que a leitura e a escrita, a partir dela, deixaram de ser lineares, assumindo um caráter multissensorial. Apresenta-se para os educandos, desse modo, a concepção de hipertextos, os textos que se constituem mediante o computador e a internet.

Ao longo de algumas aulas, vão sendo discutidas as especificidades dos gêneros e-mail, blog, comentário e tutorial, realizadas atividades interpretativas sobre eles, apresentados exemplos, bem como os estudantes realizam as produções dos textos. No fim da unidade, depois de trabalhados todos os elementos importantes para compreensão do conteúdo, é proposto para os alunos um projeto em grupo, no qual é realizada uma “feira de inclusão digital”. Nesta feira, seriam expostos os textos – e-mails, comentários e tutoriais - elaborados no decurso das aulas. Além da produção dos gêneros, os discentes ficariam responsáveis pela divulgação da feira nas redes sociais.

Destaca-se também, um momento em que o livro chama a atenção para a questão da linguagem utilizada nas comunicações via internet. Isso porque, como é acentuado, na intenção de agilizar as comunicações, os “internautas”, ou seja, os usuários da internet, criaram uma linguagem específica, bem mais compacta. Nela, são realizadas diversas abreviações, como a palavra “você” passa a “vc”, “porque” transforma-se em “pq” e “também” passa a ser “tb”. O que se tem intenção de frisar, é que essa linguagem só é aceitável em situações informais de comunicação digital, como na maioria das redes sociais, no e-mail pessoal e em blogs. Logo, situações formais, como em alguns tipos de e-mail (comercial, profissional, acadêmico) e, principalmente, circunstâncias de escrita fora do ambiente digital, ou seja, em gêneros não digitais, esse tipo de linguagem não é adequado, devendo ser evitado.

No que se refere a aulas de literatura, chama-nos a atenção, nesse primeiro livro didático, uma situação em que são discutidas as novas formas nas quais os textos literários se apresentam, após o contato com as tecnologias digitais e a internet. Sobre isso, Araújo (2015)

salienta que as linguagens agora são híbridas, dado que, se constituem através de, além da palavra, sons, cores, desenhos, vídeos, imagens em movimento, o que gera novos discursos. Ou seja, a criação literária na atualidade também se concebe em hipertextos, o que possibilita que todas as sensações que estes produzem possam ser experimentadas. Como explicitado em outros momentos, os hipertextos propiciam uma leitura multissensorial e não linear, conectando várias formas de textualidade e abrindo espaço para novas reflexões.

Outro ponto pertinentemente lembrado no compêndio em questão, remete à acessibilidade que as configurações digitais das produções literárias proporcionaram, isso porque, percebe-se que o contato com as obras da literatura, seja brasileira ou internacional, não é algo possível para todos, não obstante, a internet e a tecnologia têm contribuído muito para a alteração desse cenário.

No que concerne ao segundo livro didático observado “Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso” (2016), este, ao trabalhar com a área de linguagem mais uma vez dá atenção aos gêneros digitais. Mediante a exploração da noção de blog e *booktuber* – pessoas que através de canais no site de vídeos *youtube* expõem suas opiniões sobre livros -, é realizado o estudo do gênero discursivo resenha crítica. A abordagem é feita por meio de uma discussão acerca da relação que se pode estabelecer entre esses dois elementos do universo digital e a resenha crítica, no intuito de mostrar como, muitas vezes, os gêneros digitais são remodelações dos gêneros textuais já consolidados.

Acerca da literatura nesse segundo compêndio, destacamos uma sugestão de atividade bem produtiva, trata-se de um projeto de elaboração, por parte dos aprendizes, de uma revista literária. Mais vez, como na obra anterior, no decorrer de uma unidade vão sendo estudados gêneros como crônica e poema, os quais os alunos produzem durante as aulas, e que seriam inseridos na revista, que pode ser impressa ou digital. Em ambos os casos se faria necessário utilizar da tecnologia para montá-la e torná-la interessante.

De modo geral, é notável que a presença de atividades amparadas nas novas tecnologias e dos elementos a ela relacionados é algo marcante nos atuais livros didáticos. Além dos pontos ressaltados, aparecem nas obras observadas, em diversos momentos, sugestões de sites, filmes e músicas, que podem ser explorados em sala pelo educador, como forma de contribuir para compreensão de determinado conteúdo didático. Esse fato reforça a importância que essas ferramentas adquirem para o processo de ensino, e mais ainda a importância de que o professor disponha das habilidades para inseri-las em sua prática educativa, de modo a torná-la mais dinâmica e atrativa para os alunos.

4 CONCLUSÃO

Tendo em vista as reflexões proporcionadas, percebemos que nos últimos anos a sociedade vem passando por mudanças que têm causado reconfigurações em diversos âmbitos, dentre eles, o escolar. Um dos grandes fatores que contribuíram para tais transformações foi o contato que estas esferas tiveram com as novas tecnologias, que estão surgindo velozmente, mais especificamente, com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), as quais possibilitam o acesso e a circulação de informação por todo o mundo.

Ao pensarmos em como essas tecnologias interagem com a educação, em especial com o processo de ensino de leitura e escrita, notamos que as TICs têm gerado novas formas de se ler e escrever, visto que, os textos agora apresentam-se em hipertextos. Estes, por sua vez, referem-se aos textos que se constroem tendo como suporte a tela digital. Os hipertextos são capazes de proporcionar novas sensações ao leitor, isso porque a leitura a partir deles se faz de maneira multissensorial, porquanto, diversas linguagens, além da escrita, como imagens, sons e cores, podem ser reunidas ao mesmo tempo na tela. Isso acaba também por propiciar que essa leitura se faça de modo não-linear, porém completo, uma vez que, a exposição simultânea desses múltiplos elementos possibilita que várias interligações sejam realizadas, além disso, mediante os hiperlinks (pontes estabelecidas para se visualizar outras informações relacionadas ao conteúdo) vão sendo tecidas teias entre os discursos, que, dessa forma, vão sendo complementados.

Partindo dessa nova noção de texto, surge a ideia de letramento digital, o qual constitui um dos tipos de letramento. Letramento, conforme visto, concerne ao processo em que a leitura e a escrita são realizadas através da relação com as práticas sociais nas quais estão inseridas. Assim sendo, letramento digital representa a modalidade de letramento que volta-se exclusivamente para essas práticas de linguagem produzidas no ambiente digital. Destarte, consideramos ser importante que os professores de língua portuguesa desenvolvam esse recurso, para assim, atuarem de modo a utilizá-lo produtivamente em sua atividade educativa.

Segundo ressaltado, por meio da inserção das tecnologias no processo de ensino, isto é, de uma inclusão digital das escolas e de todos que as compõem, torna-se possível, também, uma maior inclusão social, e um desenvolvimento cultural, porquanto, a tecnologia, e principalmente a internet, viabilizam o contato com lugares e fenômenos culturais que de outra forma talvez nunca pudessem ser conhecidos pelos alunos. Para isso, é importante que o educador tenha domínio para utilizar essas ferramentas, não obstante, essa habilidade não

deve ser apenas técnica, mas adequada pedagogicamente. É interessante que sejam elaboradas atividades que levem em consideração cada situação e cada objetivo de aprendizagem, para que assim, possa ser extraído o máximo de conhecimento.

No que tange às maneiras de o professor desenvolver essa competência digital, debatemos alguns pontos, dentre eles a relevância dessas habilidades serem trabalhadas já na formação inicial desses docentes, tanto a partir de discussões teóricas, quanto através de atividades práticas, pois, desse modo, seria proporcionada a eles uma maior familiaridade com esses dispositivos. Outra opção seria a ampliação dos cursos de formação continuada que apontem para essa área, criando-se, assim, oportunidades para que professores já atuantes e que não passaram por esse processo em sua graduação, possam se atualizar. Há ainda uma alternativa viável, os cursos a distância, que são bem mais acessíveis, podendo os interessados, de forma autônoma, desenvolver seu conhecimento sobre os equipamentos tecnológicos e refletir sobre metodologias que os tenham como base.

Debatendo acerca das atividades efetuadas nas aulas de português que utilizem das TICs e da internet, e que já aparecem nos livros didáticos, destacamos, no que concerne ao ensino de linguagem, o trabalho com os gêneros digitais, dentre eles o e-mail, e, referente ao estudo da literatura, ressalta-se a abordagem das versões hipertextuais e digitais das criações literárias.

Ademais, foi possível perceber, através dos estudos realizados, que dominar o uso das tecnologias da informação e comunicação é algo que, na sociedade atual, tornou-se imprescindível para qualquer pessoa, principalmente para os professores de português. Isso se deve ao fato de que tais tecnologias trazem contribuições não apenas para esses profissionais em sua prática pedagógica, mas também para o aluno, que, embora em muitos casos já possua proximidade com esses equipamentos, muitas vezes não dispõe da habilidade necessária para fazer deles uma ferramenta didaticamente proveitosa, que não funcione apenas como uma fonte de entretenimento.

A partir do trabalho com essas novas tecnologias e a internet, o educador pode contribuir para que os discentes compreendam de maneira mais completa o conteúdo abordado. Isso porque elas tornam mais viável o contato com informações e conhecimentos que complementam o que é apresentado pelo professor e pelos livros didáticos, mediante artifícios como filmes, músicas, imagens, textos, vídeos, etc. Além disso, podem colaborar para um desenvolvimento mais satisfatório da capacidade comunicativa do indivíduo, seja nos âmbitos social de maneira geral, ou nas configurações digitais das interações.

Em suma, é importante lembrar que a responsabilidade de proporcionar essa modernização e melhoria na educação não deve estar unicamente sobre o docente, posto que, é necessário que todos os atores sociais envolvidos nesse processo, como a escola, o Governo, os pais, e os próprios alunos, se mobilizem e façam sua parte para tornar isso uma realidade.

DIGITAL LITERACY AND PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING: THE IMPORTANCE OF DIGITAL TRAINING OF EDUCATORS FOR MORE DYNAMIC AND EFFICIENT PEDAGOGICAL PRACTICE

ABSTRACT

Considering the current scenario of society regarding the technological advances that are emerging, and especially, as reflected in the teaching of Portuguese, this study intends to answer the following question: how can the domain of digital literacy by educators contribute to the improvement of the pedagogic practice of Portuguese Language? For this, it has as general objective to discuss the relevance of teachers develop their digital literacy way to improve the quality of teaching. And, as specific objectives: to understand the concepts of literacy and literacy, reaching digital literacy and paying attention to its relationship with basic education; discuss feasible ways for teachers to enhance their digital literacy skills; and finally, to identify some of the activities present in textbooks for the use of new technological resources and the Internet in teaching Portuguese. The research method adopted is a bibliographical one, through which, from the different theories studied, such as Soares (2009), Kenski (2003), Coscarelli and Ribeiro (2011), Arcoverde (2007), among others, the importance that digital tools currently acquire for education in general, and especially for the development of students' communicative skills.

Keywords: Teaching of Portuguese Language. Information and Communication Technologies. Digital Literacy.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Luís André Bezerra de. Gêneros no ciberespaço e novas interações literárias. *In*: NETO, Amador Ribeiro. **Turbilhões do tempo: notas e anotações sobre poesia digital**. João Pessoa: Ideia, 2015, p.23-30.

ARCOVERDE, Rossana Delmar de Lima. Prática de letramento no ambiente digital. **Língua Escrita**/ Universidade Federal de Minas Gerais - Ceale - Faculdade de Educação - n.1 (2007). Belo Horizonte: FaE/UFMG, n.2, dezembro 2007.

AULETE, Caldas. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. 3ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1948.

BEDRAN, Patricia Fabiana. **Letramento digital e a formação do professor de língua na contemporaneidade**. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/entrelinguas/article/view/8614>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

CARVALHO, Felisberto de. **Primeiro livro de leitura**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo & Cia., 1934.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens, 1 – 9ª ed.** – São Paulo: Saraiva, 2013.

CEREJA, William Roberto; VIANNA, Carolina Assis Dias; CODENHOTO, Christiana Damien. **Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso**, vol. 2. – 1ª ed. – São Paulo: Saraiva, 2016.

COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas - 3ª ed.** - Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FUNDAÇÃO BRADESCO. **Ensinando com a Web**. Disponível em: <<https://www.ev.org.br/curso/educacao-e-pedagogia/apoio-a-educadores/ensinando-com-a-web?return=/cursos/educacao-e-pedagogia>>. Acesso em: 27 de outubro de 2018.

KATO, Mary. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação - 2ª ed.** - Campinas: Papyrus, 2007.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/baixar-livro-tecnologias-e-ensino-presencial-e-a-distancia-vania-moreira-kenski-em-pdf-epub-e-mobi/>>. Acesso em: 11 de agosto de 2018.

KLEIMAN, Ângela. B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papyrus, 2000.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico** - 2ª ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

MEC. **Proinfo Integrado**. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13156>. Acesso em: 27 de outubro de 2018.

RANGEL, Franciele de Azevedo; SOUZA, Emilly Cristina Firmino de; SILVA, Ana Carla de Azevedo. **Métodos tradicionais de alfabetização no Brasil: Processo Sintético e Processo Analítico**. Disponível em:

<<https://periodicos.ufersa.edu.br/index.php/includere/article/download/7427/pdf>>. Acesso em: 18 de setembro de 2018.

SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia. **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. - 1ª ed., 1ª reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico** - 23 ed. rev. e atual. - São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Elizabeth Maria da; ARAÚJO, Denise Lino de. Letramento: um fenômeno plural. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v.12, n.4, p.681-698, set. 2012.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros** – 3ª ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

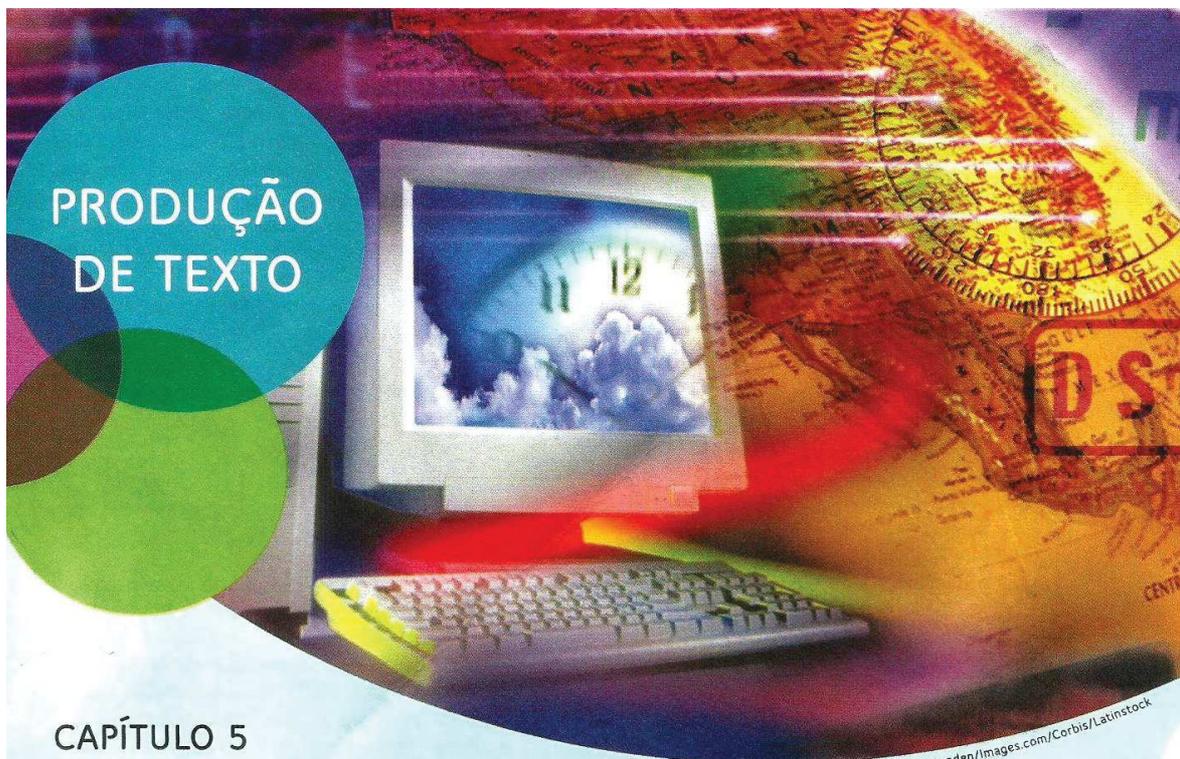
TFOUNI, Leda Verdiani. **Adultos não-alfabetizados: o avesso do avesso**. Campinas: Pontes, 1988.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. **Hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital**. Campinas, SP: (s.n.), 2002.

ANEXO A – LIVRO DIDÁTICO I

- *Linguagem*



CAPÍTULO 5

Hipertexto e gêneros digitais: o *e-mail*, o *blog* e o comentário

Com o surgimento e a popularização da Internet, alterou-se profundamente a noção de texto. Na Internet, o processo de ler ou escrever um texto deixou de ser linear, ou seja, da esquerda para a direita e de cima para baixo, um procedimento de cada vez. O internauta pode, simultaneamente ao processo de leitura de um texto, acessar *links*, ler outros textos, ouvir música, examinar imagens e planilhas, redigir *e-mails* e, finalmente, voltar a ler o texto que foi o ponto de partida para uma série de operações e de interações pela Internet.

A essas múltiplas possibilidades oferecidas pelo texto digital, que envolve uma nova forma de acessar, produzir e interpretar informações, chamamos *hipertexto*. Assim, *hipertexto* exprime a ideia de leitura e escrita não linear de texto, em um contexto tecnológico, mediado pelo computador e pela Internet.

A Internet permite ainda que os internautas, além de fazerem facilmente leituras simultâneas e não lineares, produzam e disponibilizem seus próprios textos na rede para a leitura de outros usuários. Assim, todos podem expressar seus pontos de vista, postando textos, vídeos e fotos em *sites* diversos: páginas de grandes jornais do país, YouTube, fóruns de discussão, páginas pessoais, como os *blogs*, ou perfis em redes sociais, como o *Facebook* e o *Twitter*.

Entre os gêneros textuais que são produzidos e circulam na Internet, estão o *e-mail*, o *blog* e o comentário.

b) Releia este trecho do *e-mail*:

“Sabe, eu até aceitaria ser sua monitora nas aulas de reforço.”

Levante hipóteses: a maneira como Mariana se expressa nesse trecho do *e-mail* podia influenciar o professor na decisão de aceitá-la como monitora? Justifique sua resposta.

Na Internet, uma nova língua?

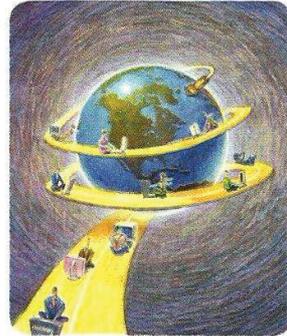
Para conversar pelo computador, os internautas inventaram uma linguagem, o internetês, cujo princípio é reduzir cada palavra ao essencial. A maioria das palavras é abreviada. *Você* vira “vc”, *também*, “tb”, *porque*, “pq”, etc. Além disso, há outras mudanças: os acentos são raríssimos, *qu* se transforma em “k”, *ch* e *ss* mudam para “x”.

O uso dessa linguagem é adequado apenas em certos gêneros da Internet, como no *e-mail* pessoal, no *blog*, no Facebook e em conversas no Skype ou nas salas de bate-papo quando há intimidade entre pessoas. Em gêneros não digitais, o uso dessa linguagem é inadequado e, por isso, deve ser evitado.

4. Em alguns gêneros digitais, como o *e-mail* e o bate-papo, a linguagem não segue a norma-padrão escrita. Observe a linguagem empregada no *e-mail* em estudo.

a) O que está em desacordo com a norma-padrão escrita?

b) Levante hipóteses: No *e-mail* lido, a linguagem pode ser considerada inadequada?



Wei Yan/Masterfile/Other Images

5. Reúna-se com seus colegas de grupo e, juntos, reescrevam o *e-mail* de Mariana, tornando-o mais adequado ao objetivo que ela tinha em visitá-lo ao escrevê-lo. Para isso, considerem: finalidade do *e-mail*, perfil dos interlocutores, assunto, estrutura, linguagem.

E-mail comercial

O *e-mail* constitui atualmente uma das principais ferramentas de comunicação comercial entre funcionários de uma empresa e entre empresas e seus clientes e fornecedores. Nesse caso, o *e-mail* é mais formal e exige cuidados especiais:

- Preencher o campo *Assunto* com um resumo objetivo da mensagem.
- Não usar abreviações ou *emoticons*.
- Não escrever textos somente com letras maiúsculas ou minúsculas; as maiúsculas podem dar a impressão de agressividade, e as minúsculas, a de que a pessoa escreveu apressadamente.
- Colocar um fecho, empregando expressões como *atenciosamente*, *cordialmente* ou *aguardamos um breve retorno*.
- Escrever o nome e o cargo que ocupa na empresa.

PRODUZINDO O E-MAIL

Uma das vantagens da Internet é que ela facilita a leitores de jornais e revistas a exposição de seus pontos de vista. Para isso, alguns veículos de comunicação disponibilizam aos leitores espaços para fotos, notícias, cartas e *e-mails* com comentários sobre notícias e reportagens. Veja este exemplo:

Projeto

FEIRA DE INCLUSÃO DIGITAL

1. Tô ligado na rede!

• E-mails e comentários

Muitas pessoas desconhecem a possibilidade de interferir na vida social e política de sua cidade ou de seu país por meio de certos gêneros digitais, como *e-mails*, comentários e *blogs*.

Reúnam os *e-mails* que vocês produziram e encaminharam no capítulo 5 da unidade 2, assim como os comentários que postaram em *blogs* e *sites*, e exponham-nos em um amplo painel, montado com a participação de toda a classe.

• Tutoriais

Reúnam em um painel os tutoriais que produziram no capítulo 2 desta unidade. De um lado, exponham os tutoriais divertidos que criaram, como, por exemplo, o que ensina a ficar mais 5 minutos na cama de manhã e não perder a hora. De outro, exponham os tutoriais que ensinam como proceder para utilizar o *site* Google Art Project.

Deem um nome aos painéis, como **Tô ligado na rede!** ou outro que escolherem.

2. Divulgando ferramentas

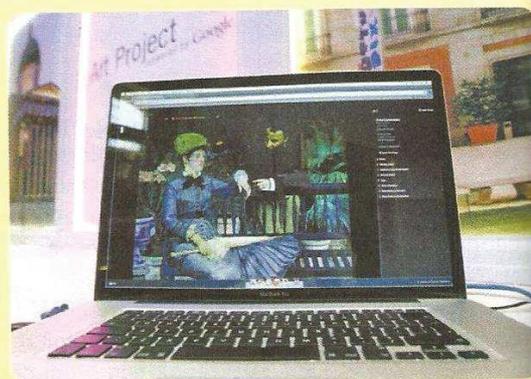
Ao lado dos tutoriais, deixem disponíveis alguns computadores conectados à Internet, a fim de que eles possam ser acessados pelos visitantes.

• Navegando pelo Google Art Project

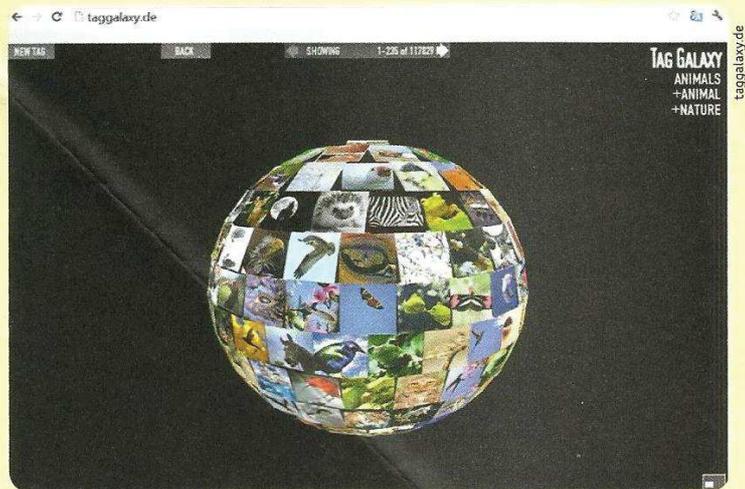
Convidem os visitantes da Feira para conhecer o Google Art Project. Para isso, estimulem-nos a seguir passo a passo as instruções dadas nos tutoriais produzidos por vocês. Para cada pessoa, proponham visitar um museu diferente.

• Navegando pelo Tag Galaxy

Em grupo, acessem previamente o *site* Tag Galaxy, em <http://taggalaxy.de/>, e conheçam as suas características. De navegação muito simples, o *site* reúne fotos provenientes de todo o mundo e apresenta-as em um globo giratório, que pode ser visualizado em 3D.



Durante a visita, insiram na pesquisa alguns assuntos atraentes, como *Chaplin, Van Gogh, Roma* ou outros que queiram, e orientem as pessoas. Se quiserem, produzam um tutorial sobre como navegar no *site* e disponham-no ao lado dos computadores.



- **Facebook e Twitter**

Há pessoas que ainda não sabem como fazer parte de uma rede social. Produzam, então, um tutorial para cada uma dessas redes, ensinando como fazer parte delas. Depois ajudem os visitantes a se inscrever em uma ou outra rede e a traçar o seu perfil, bem como a operar as ferramentas básicas que cada uma oferece.

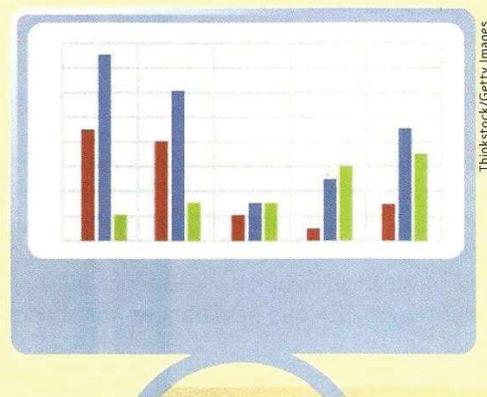
- **Prezi, Google Docs, Slide Share, Skype & cia.**

Se você e seu grupo dominam outras ferramentas ainda pouco conhecidas do grande público, como as dos *sites* Prezi, Google Docs, Slide Share, Moodle e Wordpress (para criar *blogs*), entre outros, escrevam tutoriais ensinando a usá-las e convidem os visitantes da feira para conhecê-las.



3. Tecnologia aplicada à educação

Conversem com professores de outras disciplinas – como Física, Matemática, Biologia, Geografia e outras – sobre como a tecnologia pode contribuir para o ensino nos dias de hoje. Conheçam os programas que seus professores utilizam ou conhecem e, na feira digital, apresentem esses recursos a todos os visitantes.



- *Literatura*

Modernamente, esses conceitos desapareceram, mas a arte ainda cumpre o papel de proporcionar prazer e fruição estética e de aliviar as tensões da alma humana. Ou, na concepção do teórico russo Chklovski, o papel de provocar um *estranhamento* em face da realidade, como se nos desautomatizássemos e passássemos a ver o mundo com outros olhos.

Literatura: comunicação, interlocução, recriação

Literatura é linguagem e, como tal, cumpre, juntamente com outras artes, um papel comunicativo na sociedade, podendo tanto influenciar o público quanto ser influenciada por ele.

O leitor de um texto literário ou o contemplador da obra de arte não é um ser passivo, que apenas recebe a comunicação, conforme lembra o pensador russo Mikhail Bakhtin. Mesmo situado em um tempo histórico diferente do tempo de produção da obra, ele também a recria e atualiza os seus sentidos com base em suas vivências pessoais e nas referências artísticas e culturais do seu tempo. Por outro lado, no momento em que está criando a obra, o artista já é influenciado pelo perfil do público que tem em mente. Isso se reflete nos temas, nos valores e no tipo de linguagem que escolhe.

A literatura e outras mídias

O poeta e compositor Arnaldo Antunes comenta assim as mudanças na poesia decorrentes do contato com a tecnologia digital:

O público dos livros de poesia pode ser mínimo, mas ele vem sendo ampliado por meio do contágio com outras mídias. [...] Hoje, o que se fazia nas revistas migrou, em grande parte, para a Internet. Você vê *sites* de poesia e *blogs* com debates interessantes, tudo associado a outras linguagens, poemas com áudio, inserção de imagens e movimento na palavra escrita. Esse tipo de composição virou coisa natural hoje em dia. A poesia só tem a ganhar quando se contamina com outros códigos, pois alcança outros públicos e descobre possibilidades de linguagem.

(Revista *Língua Portuguesa*, nº 13.)



• Arnaldo Antunes.

Patricia Stavis/Folhapress

Visite o *site* de Arnaldo Antunes (<http://www.arnaldoantunes.com.br>) e veja como ele põe em prática essas ideias.

Literatura: a humanização do homem

Conheça a seguir o que teóricos e especialistas em literatura dizem sobre o papel que a literatura desempenha no mundo em que vivemos.

ANEXO B – LIVRO DIDÁTICO II

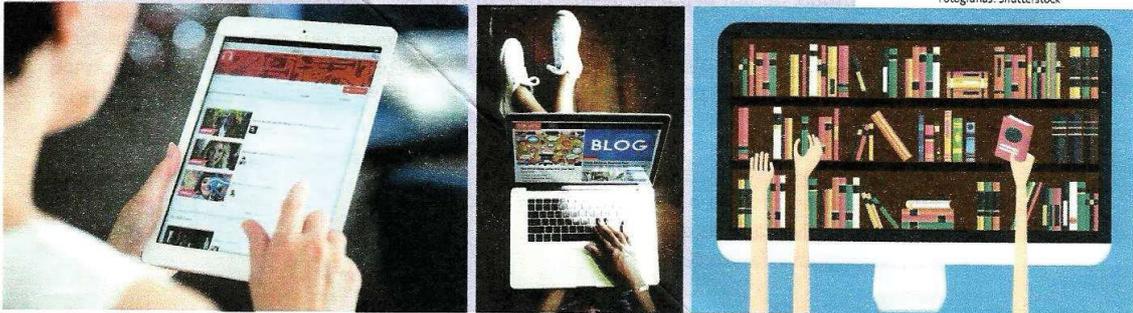
• Linguagem

Os booktubers, os blogs e os canais de resenhas

Você já ouviu falar em *booktubers*? São pessoas que criam canais no YouTube que disponibilizam vídeos com resenhas de livros, indicando-os ou não. Outra ferramenta de divulgação de resenhas críticas de livros que vem crescendo no mundo digital são os *blogs* especializados na área. Essa é uma tendência notada inclusive por muitas editoras, que enviam para alguns desses canais e *blogs* livros publicados por eles, a fim de garantir sua divulgação.

Tal prática tem se tornado comum não apenas em relação a livros, mas também a bens culturais e mercadorias em geral, de filmes, *shows*, parques e eventos a produtos de beleza, roupas e acessórios.

As resenhas críticas feitas por *booktubers* vêm assumindo um papel antes desempenhado pela crítica especializada e pela publicidade, pois têm influenciado de modo significativo o consumo de livros entre a população.



PRODUÇÃO
DE TEXTO

3. Para construir seu texto e fundamentar a crítica que faz, o autor lança mão das seguintes estratégias:

- menção a nomes de autoridades na área cinematográfica;
- descrição detalhada de uma ou mais cenas do filme;
- uso de termos ou explicações de caráter mais técnico.

a. Identifique no texto os trechos em que cada estratégia é empregada.

b. Levante hipóteses: Qual efeito de sentido resulta do emprego dessas estratégias no texto?

Os spoilers

Em geral, as resenhas críticas são escritas com a finalidade de dar aos leitores uma ideia sobre um filme, um seriado, um livro. Elas ajudam o leitor a ponderar se, tendo em vista seu gosto pessoal, vale a pena consumir certo produto. Assim, o autor de uma resenha deve tomar cuidado ao fazer descrições que envolvem histórias, a fim de deixar em aberto as situações do enredo.

Pessoas que fazem os chamados *spoilers*, entretanto, parecem não ter essa preocupação. Conforme indica o nome, com origem no verbo inglês *to spoil*, que quer dizer “estragar”, os *spoilers* são a versão digital dos famosos “estraga-prazeres”. Eles ocorrem quando o autor de uma resenha crítica de filme ou livro conta, por exemplo, o final da história e revela segredos do enredo. Por isso, convém que se faça um “Alerta de *spoiler*”, caso uma resenha contenha esse tipo de menção, a fim de que os leitores ou espectadores não sejam negativamente surpreendidos com informações que vão estragar o prazer de ler um livro ou ver um filme.



Westend 61 RF/WP - Images/Diomedea

4. A linguagem utilizada no texto lido – publicado em um jornal de grande circulação – segue a norma-padrão, porém não apresenta um alto grau de formalidade.

a. Entre os seguintes trechos do texto, indique em seu caderno aqueles que permitem classificar como pouco formal a linguagem empregada.

- “Convém esquecermos por um instante o clima de Copa do Mundo criado com a indicação de ‘O Menino e o Mundo’ para o Oscar de animação.”
- “Premiados ou não, alguns artistas elevaram a animação ao *status* de arte”



• *Literatura*

Produção e lançamento da revista literária

Discutam previamente, com a participação do professor, os critérios para a escolha dos textos que deverão fazer parte da revista literária. Vocês poderão decidir, por exemplo, que cada aluno deverá escolher um ou dois textos entre os que produziu nesta unidade ou, então, uma crônica e o estatuto poético.

Decidam também o suporte para a revista, que pode ser impresso ou digital. Em ambas as situações, os textos deverão ser digitados, revisados e, se quiserem, ilustrados.

Deem um título à revista e preparem a capa, a folha de rosto (sigam como modelo a de revistas conhecidas), a apresentação e a quarta capa.

Caso tenham se decidido pela versão impressa, reúnam o material e montem a revista. Tirem cópias e, na **Noite literária**, exponham em mesas certo número de exemplares, para que o público possa manuseá-los. No caso de revista digital, providenciem computadores e os deixem em mesas, a fim de que o público navegue pelos textos e os leia à vontade.



Mural

Reúnam em um mural os editais relacionados à construção de uma nova sociedade. Deem um título atraente ao mural e deixem-no em lugar de fácil acesso ao público que irá participar da **Noite literária**.

